



P. Antonio Giacomino Filho

25/03/1914 Argentina – 12/07/2010 Brasil

No dia 12 de julho, foi para a Casa do Pai o nosso irmão **Padre Antonio Giacomino Filho**, com a idade de 96 anos. Depois de uma longa rotina entre a casa e o Hospital São Camilo, cuidados médicos mais intensos e o acompanhamento integral dos enfermeiros que, dia e noite, com carinho e profissionalismo, se esforçaram pra lhe oferecer melhor qualidade de vida, Pe. Giacomino despediu-se deste mundo para receber de Deus o prêmio do Servo bom e fiel.

Seus últimos dias entre nós, como membro participante da Comunidade Salesiana Santa Teresinha, São Paulo, foi expressão bem visível das Constituições Salesianas em seu artigo 54, ao referir-se à morte de um irmão: "A Comunidade ampara com mais intensa caridade e oração o irmão gravemente enfermo. Quando chega a hora de dar à sua vida consagrada o remate supremo, os irmãos o ajudam a participar com plenitude da Páscoa de Cristo. Para o Salesiano, a morte é iluminada pela esperança de entrar na alegria do seu Senhor. E quando acontece que um Salesiano sucumba trabalhando pelas almas, a Congregação alcançou uma grande vitória (...)"

Sua morte ilumina um longo itinerário de vida que teve origem no dia 25 de março de 1914, em Mendoza, Argentina. A vocação salesiana que lhe atraiu desde a juventude o levou a fazer os primeiros votos religiosos no dia 31 de janeiro de 1938, com 24 anos incompletos. Ordenou-se sacerdote a 8 de dezembro de 1947, aos 33 anos de idade e já o vemos como missionário na distante China de 1948 a 1952, onde foi um dos fundadores do Colégio Salesiano Dom Bosco de Macau. Da China foi para o Vietnã onde trabalhou de 1953 a 1955. Retornou ao Brasil onde trabalhou no Externato Santa Teresinha de 1956 a 1958 (sendo, inclusive, o quarto pároco da Paróquia Santa Teresinha) e, em Campinas, na Escola Salesiana São José nos anos 1959 e 1960.

Voltou para a China, em Macau, ficando de 1961 a 1964 e só retornou ao Brasil devido a saúde estar abalada, após ter dado o melhor de si no esforço de levantar o Colégio Dom Bosco de Macau e ter-se manifestado sempre uma pessoa de bom espírito e muito observante de seus compromissos, segundo carta do Superior Salesiano de Macau ao Superior Salesiano de São Paulo. Em 1965, o vemos em São José dos Campos. De 1969 a 1970 atua no Liceu Coração de Jesus, São Paulo; volta outra vez para Campinas (1971 a 1975) e, de novo, para São José dos Campos (1976). De 1977 a 1980 volta para o Liceu Coração de Jesus em São Paulo. Atua como diretor da Casa Salesiana de Campos do Jordão em 1981. De 1982 a 1984 vem novamente para Santa Teresinha e vai trabalhar no Educandário Dom Duarte (São Paulo) nos anos 1985 e 1986. Daí transfere-se para a Comunidade Salesiana de São Carlos, onde fica de 1987 a 1991. De 1991 a 1994 o vemos em Pindamonhangaba, no Vale

do Paraíba. Em 1995 retorna a São Paulo e vai trabalhar no Instituto Dom Bosco do Bom Retiro. Por último, para repouso e cuidados médicos vem para Santa Teresinha (1995 a 2010).

Neste longo currículo o vemos atuar nas Obras de Apostolado Salesiano: Oratórios, Capelanias, Paróquias, Colégios, Obras Sociais e Seminários. Muito marcou o seu espírito arrojado, a valorização dos novos recursos da área da informática à qual se dedicou na preparação de muitos jovens. Nas mudanças de casa era necessário um caminhão para o transporte dos computadores. Quem não se lembra dos antigos 286?

Por trás de tão grande operosidade sobressaía o homem, o religioso, o Salesiano Padre. De bom caráter, humilde, piedoso, exemplar sob todos os pontos de vista, trabalhador, muito habilidoso, era um missionário em terras distantes e que, mesmo com saúde precária, teria voltado para as Missões se os Superiores religiosos o permitissem. Não podendo retornar, se contentou em angariar donativos e enviá-los para as Missões.

Seus familiares e, sobretudo, sua irmãzinha Idalina, com seus 83 anos, e que o acompanhou mais de perto, ressaltou a sua atenção à Família, aos sobrinhos. Além da amizade e apoio lhes dirigia bons conselhos e gostava de presentear-lhes com as lembranças de suas viagens. Sempre tranquilo, simples, inteligente e alegre, despertava-lhes a admiração ao se comunicar em quatro idiomas. Foi o Padre da família e deixa, para todos, muita saudade e boas recordações.

O Amor à Dom Bosco, a Maria Auxiliadora e à Eucaristia e o carinho para com os jovens e as crianças do Oratório e Colégio Santa Teresinha, que fazia questão de encontrar nos recreios e pátios desse Colégio, enquanto pôde fazê-lo, o ligou aos Salesianos do Céu. Agradecendo a Deus o grande dom que foi para nós o nosso irmão Pe. Giacomino, sentimo-nos felizes por tê-lo como mais um intercessor junto a Deus.

“A Lembrança dos irmãos falecidos une na Caridade que não passa os que ainda são peregrinos (na terra) aos que já repousam em Cristo.” (Constituições Salesianas, 54).

P. Aramis Francisco Biaggi
Diretor Comunidade Salesiana Santa Teresinha, SP.

[fonte: www.misionessalesianas.com]

El primer salesiano llegó a Vietnam en 1939. Era don Francisco Dupont, de nacionalidad francesa, capellán militar, que murió asesinado por los rebeldes en 1945, por la seria razón de que trabajaba ayudando a los huérfanos de la guerra de los caídos del otro bando.

Más tarde, el 3 de octubre de 1952, los salesianos don Antonio Giacomino, que procedía de Brasil, y don Andrej Majcen, de Eslovenia, llegaron a Vietnam. Ambos, misioneros, habían sido expulsados de China y llegaron a Hanoi para asumir la dirección de un orfanato o Ciudad de los Muchachos para niños víctimas de la guerra. Antes de que pudiesen aprender la lengua, en 1954, Vietnam quedó dividido en dos y tuvieron que llevar a los niños a las selvas del Sur. Finalmente, y después de tanteos y desplazamientos, pudieron establecerse en las cercanías de Saigón. Y comenzaron las obras tradicionales salesianas de atención a niños y jóvenes necesitados: orfanatos, escuelas profesionales, seminarios menores, colegios...

Los salesianos vivieron años duros y de trabajo en el oficio u ocupación que encontraban, en situación de penuria y hambre extrema. La mitad de nuestra historia se ha vivido en un país devastado por la guerra.

En la actualidad no hay obras grandes, pero sí numerosas. Los salesianos atienden veinticinco parroquias, con sus oratorios, centros juveniles y diversos servicios: preparación profesional, actividades extraescolares, clases de lenguas y de música, cuidado de los niños de la calle... Para poder hacerlo en un mundo como éste hace falta mucha creatividad y flexibilidad, una pizca de sagacidad y una enorme carga de valentía. Por ejemplo, han tenido que usar como lugar para evangelizar a los muchachos, especialmente los días de fiesta, los parques públicos y los campos de arroz cuando están secos. Durante estos últimos cinco años han obtenido de las autoridades mayor confianza y la posibilidad de dar a las estructuras de formación profesional una escala más amplia. Realizan también una labor de evangelización entre algunos grupos étnicos minoritarios de las tierras altas y en centros misioneros de lugares apartados. La organización no es extraordinaria y el apoyo económico lo obtienen de los buenos bienhechores, pobres o menos pobres, cercanos o lejanos, que les alientan, sobre todo, con la cercanía de su corazón.

Un carisma muy apreciado

En general, gozan de la estima de la Iglesia local y mantienen una buena relación con las autoridades civiles. Los grupos de la Familia Salesiana contribuyen con acción a que Don Bosco sea conocido y querido. Los salesianos son los primeros religiosos a los que se ha autorizado comenzar un trabajo pastoral en Hanoi, la capital del país. Y más que ningún otro grupo, gozan de una cierta libertad de iniciativa y acción. Esto se debe, al menos en gran parte, a la política del Padre Nuestro de Don

Bosco, que acepta la amistad de todos, sin atarse a banderas ni a partidos, para poder hacer el bien a los que necesitan una mano amiga, especialmente si son jóvenes o niños y no han sentido nunca el calor y la confianza que da esa mano.

El número de salesianos crece rápidamente: hay 180 profesos, de los que 69 son sacerdotes y 32 coadjutores; 115 profesos de votos perpetuos y 65 de votos temporales. Son 84 los que se encuentran en etapas de formación. hay 25 novicios y 29 prenovicios, de entre 22 y 25 años. Viven en doce comunidades erigidas canónicamente y hay otras seis presencias de diferentes tipos. El índice de perseverancia es alto. En los últimos diez años, sólo han dejado la Congregación cuatro hermanos de votos temporales.

El número creciente y la madurez solidaria ha permitido enviar a algunos hermanos como misioneros: dos a Papúa Nueva Guinea, uno a Sri Lanka y tres a Mongolia. La obra de su capital, Ulan Bator, ha sido confiada a los Salesianos de Vietnam, que esperan abrir otra obra en la frontera con Rusia, en la ciudad de Darján, la segunda en población de Mongolia.

Padre Antonio Giacomino Filho

Nasceu aos 25 de março de 1914 em Rosário, Argentina. Seu pai era Antonio Giacomino e a mãe, Joana de Vicenza.

1938 - Padre Giacomino se encontra em São Paulo, no Ipiranga, para o noviciado. Seu mestre era padre Luiz Garcia de Oliveira, os noviços eram 19. Fez sua primeira profissão aos 31 de janeiro de 1939.

De 1939 a 1940 - estudou Filosofia em Lavrinhas. Eram 42 estudantes e o diretor, padre Ladislau Paz, mais tarde tornou-se inspetor da Inspeção de São Luiz Gonzaga, Recife, no nordeste do Brasil, além de bispo auxiliar de Cuiabá e, posteriormente, bispo de Corumbá.

De 1941 a 1943 - atuou em Lorena como assistente na Escola Agrícola Coronel José Vicente que acolhe crianças e adolescentes candidatos ao seminário e ministrou uma iniciação à agricultura e criação de animais domésticos.

De 1944 a 1947 - foi estudante de Teologia do Pio XI, no qual o diretor era padre João Resende Costa, futuro inspetor da Inspeção Salesiana de São Paulo, do Capítulo Geral da Congregação como encarregado dos Cooperadores e da Imprensa, depois bispo de Ilhéus (BA) e depois arcebispo de Belo Horizonte. Foi ordenado sacerdote em 8 de dezembro de 1947.

De 1948 a 1952 - foi destinado para a casa de Macau, na China, no Instituto Imaculado Coração com internato, escola primária, ensino colegial e escolas profissionais.

De 1953 a 1955 - seu destino é Hanói no Vietnã onde atua como diretor no Orfanato Santa Teresinha, também escola de educação infantil e profissional, permanecendo até 1955 quando todos foram expulsos.

De 1956 a 1958 - atuou em São Paulo, como diretor do Santa Teresinha, escola com educação infantil, oratório diário e paróquia, permanecendo até 1958.

1959-1960 - a obediência o envia para Campinas. Torna-se diretor na Escola Salesiana São José com internato, escola de educação infantil e fundamental e escolas profissionais de marcenaria, mecânica, sapataria e encadernação.

1961-1964 - volta para Macau, na China, onde atua como ecônomo no Colégio Dom Bosco com escola elementar, ensino fundamental e escolas profissionais.

1965 - voltando para o Brasil torna-se diretor em São José dos Campos, casa para salesianos enfermos e capelania.

1969 - vai para São Francisco, na Califórnia (EUA), onde os salesianos possuem paróquia e oratório.

1970 - sua casa é o Liceu Coração de Jesus onde atua como catequista dos internos.

De 1971 a 1975 - P. Giacomino encontra-se em Campinas, primeiro como catequista, depois como confessor na Escola Salesiana São José, casa que acolhe aspirantes para serem salesianos irmãos, internato para meninos pobres provenientes da Fundação do Bem-Estar Social de menores pertencente ao Governo do Estado de São Paulo, escola de ensino fundamental e escola profissional para mecânicos, marceneiros e eletrotécnicos.

1976-1980 - seu destino é o Liceu Coração de Jesus, em São Paulo, onde atua como catequista dos internos.

1981 - Atua como diretor em Campos do Jordão.

1982-1984 - esteve em São Paulo, no Santa Teresinha

1985-1986 - Neste período, padre Giacomino trabalha no Educandário Dom

Duarte em São Paulo. É uma grande obra social da Liga das Senhoras Católicas de São Paulo que acolhe 576 internos da Fundação do Bem-Estar Social de menores, pertencente ao Governo do Estado de São Paulo e particulares também. Nesta obra, com campos e piscina, quadras e escola, oficinas de mecânica, marcenaria, tipografia, havia duas capelanias. O padre Giacomino era apreciadíssimo confessor dos alunos, de duas comunidades religiosas e professor de iniciação à informática. Os salesianos assumiram esta obra em 1982.

1987-1988 - seu destino é São Carlos, casa de noviciado e obra social, paróquia e oratórios.

1989-1994 - é destinado para a casa de Pindamonhangaba, casa de aspirantado, com igreja pública, oratório e capelanias.

De 1995 até 2000 - encontra-se em São Paulo, no bairro do Bom Retiro, obra salesiana com escola de ensino fundamental de 1a a 8a série, escola profissional, paróquia, capelanias e oratório.

Do ano 2000 ao 2010 - esteve no Externato Santa Teresinha.

Padre Antonio Giacomino Filho era licenciado em Filosofia, tinha habilitação para o ensino do Francês, Latim, Inglês, Matemática e Eletrônica. Falava o idioma espanhol, o italiano, o chinês-mandarino, o inglês e o português.

P. Aramis Francisco Biaggi
Diretor da Comunidade Salesiana Santa Teresinha, SP.

Missionário salesiano narra sua vivência no extremo Oriente **21 de Setembro de 2003**

São Paulo, 21 de setembro de 2003 (ZENIT.org) - O padre salesiano Antonio Giacomino Filho, 89 anos, embarcou para a China nos anos 40 para implantar a missão salesiana na época em que as tropas de Mao Tsé-tung se preparavam para tomar Pequim e fundar a República Popular da China.

Ao negar o convite dos comunistas de participar da Igreja comunista – ele teve de frequentar aulas sobre a doutrina comunista ministradas pelas autoridades – o padre Giacomino foi expulso do país. “Os comunistas perguntaram se a gente queria ficar lá e participar da Igreja comunista, mas nós respondemos que não, pois somos fiéis ao Vaticano, ao Papa. Então fomos expulsos.”

Mas o padre ainda teria de conviver com os comunistas em mais duas missões, em Macau e no Vietnã, locais onde foi um dos fundadores da presença salesiana.

Em meio a declamações de poemas de Camões e de Castro Alves, o simpático sacerdote de 89 anos recebeu essa semana a equipe de Zenit no Colégio Salesiano Santa Teresinha, em São Paulo, para narrar fatos de sua experiência como missionário no extremo Oriente, no período que compreende entre meados dos anos 40 e primeira metade dos anos 50.

– Conte primeiramente como o senhor chegou à vocação sacerdotal?

– Padre Giacomino: Sou filho de agricultores italianos. Em 1914 houve a Grande Guerra e meus pais fugiram para a Argentina. Como agricultores, meus pais conseguiram empréstimo para adquirir uma chácara, e lá então tiveram cinco filhos. Eu nasci em 1914, na Argentina. Em 1917 houve uma desgraça para os agricultores. Nuvens de gafanhotos saíram da África e destruíram as plantações da região de Rosário de Santa Fé. Em vista disso que aconteceu, a destruição completa da lavoura, meu pai, como era pobre, não tinha dinheiro para pagar o replantio. Então apareceram fazendeiros do Brasil pedindo colonos. Meu pai decidiu então vir para o Brasil.

A viagem da Argentina para o Brasil, até o porto de Santos, levava três dias. Mas ficamos seis dias em alto mar porque um submarino de guerra alemão queria afundar o navio italiano. Todas as noites tudo era desligado no navio para impedir o ataque do submarino que o rondava, com isso nós desviávamos da rota. Hoje em dia eu brinco com meus colegas que o submarino alemão não conseguiu afundar o nosso navio porque entre os passageiros havia um que iria ser padre. Se a gente tem fé, pode ser verdade, não pode? (risos)

Vivendo principalmente em São Paulo, após 11 anos de formação, quando fui ordenado, o superior que havia ido recentemente à Itália para o Capítulo me disse: “se você tem vocação missionária, escolha entre três países, Índia, Japão ou China”. Então eu escolhi a China.

– Qual foi a realidade que o senhor encontrou ao chegar à China?

– Padre Giacomino: Quando eu cheguei lá, Mao Tsé-tung estava em marcha com sua tropa, então, não tardou, fomos expulsos do país e nosso colégio técnico passou para os comunistas. Cheguei junto com a revolução comunista. Uns colegas foram para Manila, nas Filipinas, outros voltaram para a Itália, mas antes

disso os comunistas perguntaram se a gente queria ficar lá e participar da Igreja comunista, mas nós respondemos que não, pois somos fiéis ao Vaticano, ao Papa. Mesmo assim veio um comunista dar aulas para nós. Eles pensavam que poderiam nos doutrinar para que nós ficássemos lá trabalhando para eles. Mas nós não fizemos isso. Então nos expulsaram da China.

– E para onde o senhor foi?

– Padre Giacomino: Eu fui para Macau, província portuguesa no extremo Oriente. O que eu encontrei lá foram crianças chinesas e portuguesas estudando juntas em um colégio chinês, muitas crianças órfãs. Então dá para imaginar quanta briga havia entre os pequenos chineses e portugueses.

Como todas as autoridades eram portuguesas, então eu falei para os governantes que não poderiam ficar estudando juntas as crianças portuguesas e as chinesas, não estava dando certo. Eu apresentei ao governador o projeto do colégio Dom Bosco. Então o governador deu o dinheiro para a construção do mesmo. Depois da construção, transformamos esse colégio no melhor colégio técnico do ultramar, aprovado por Lisboa. E até me deram a cidadania portuguesa. Eu sou argentino, vivo no Brasil e fui ganhar a cidadania portuguesa no extremo Oriente (risos). Eu levei mais de 300 órfãos portugueses para estudar nesse colégio. Eu era o diretor do colégio e superior dos que chegavam lá. Foi o primeiro colégio salesiano construído para portugueses.

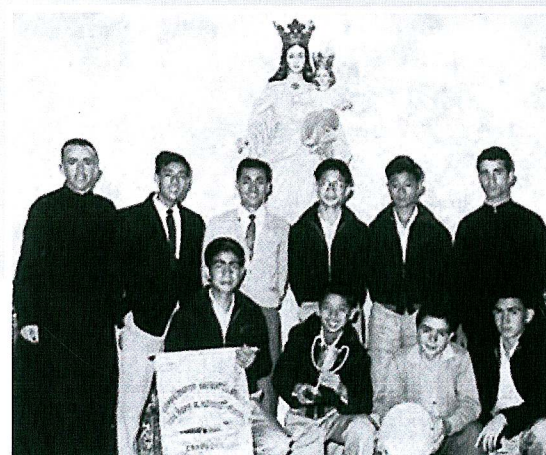
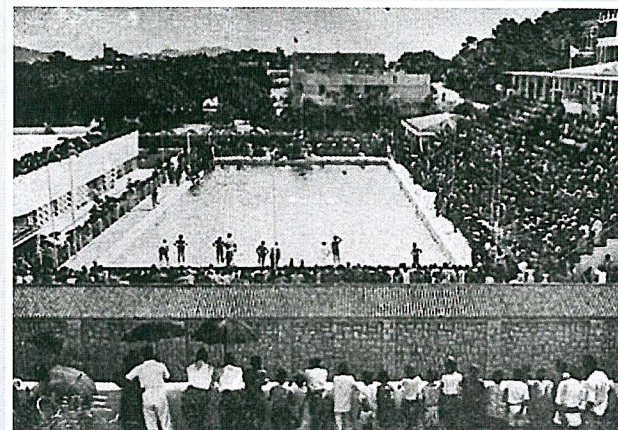
Depois de um tempo veio uma autorização de Portugal para que os comunistas chineses tomassem conta da península de Macau. Diante disso a missão ficou reduzida às atividades do colégio, pois não era permitida a evangelização. Como novamente nenhum padre salesiano passou para a Igreja comunista, pois havia pressão para que isso acontecesse, alguns padres foram presos, dois até morreram na prisão.

– E o senhor teve de mudar de país novamente?

– Padre Giacomino: Sim. Eu fui diretor do colégio Dom Bosco que construímos em Macau até 1952. Fiquei, portanto, cerca de cinco anos em Macau. Então o meu superior me disse que o Vietnã estava precisando da presença salesiana lá e me perguntou se eu queria ir. Eu lhe disse que iria para onde ele me enviasse.

No Vietnã (Hanói) havia algumas casas que formavam um colégio que atendia 600 crianças órfãs de guerra. Essa era a comunidade em que eu trabalharia, onde estava até aquele momento um padre francês. Mas o Vietnã estava em guerra, pois havia a presença francesa que controlava o país e também a presença dos comunistas do norte do Vietnã. Foi isso o que eu encontrei quando

Entre 1947 e 1951 o meu pai foi Juiz de Direito da Comarca de Macau, depois de ter servido em anos anteriores em Moçambique e Angola. Passei aí uns tempos inesquecíveis, frequentando os últimos anos da primária no Colégio D. Bosco, que na altura estava nas instalações das Oficinas de S. José, situadas frente da Igreja de S. Lourenço, aonde ainda lá se encontram. O diretor, Padre Antonio Giacomino, um brasileiro paulista que ainda estava vivo há uns anos e o professor Padre Montini, italiano e sobrinho do Papa Paulo VI (Cardeal Montini) eram alguns dos docentes a que se juntava o professor de Inglês, Joe Thomson, um negro americano, antigo marinheiro que trocou a circum-navegação pelos braços de uma chinesa de Macau, lançando ferro de vez no território...



A 6 de Fevereiro de 1949 foi lançada nesse terreno a primeira pedra dum edifício que se chamou «Colégio D. Bosco», de Artes e Ofícios, destinado ao Ensino Técnico e Profissional, sendo seu primeiro Diretor, o Pe. António Giacomino. António Bastos foi o arquiteto que preparou todos os planos. Num apelo ao público dizia-se: «Consta que serão precisos dois milhões de patacas para levar a cabo a construção do grandioso Colégio e que o Governo da Metrópole já autorizou um subsídio de \$600.000,00 para esse efeito» (Notícias de Macau, 7-2-49).

cheguei lá em 1952. Mas nós trabalhamos na formação da primeira comunidade cristã apesar das bombas. De uma comunidade fundada naquela época, hoje já são nove. Eu fiquei de 1952 a 1954 no Vietnã e depois tive de voltar ao Brasil para cuidar da minha mãe que estava doente. Então a missão no Vietnã completou em 2002 cinquenta anos de fundação.

Mas um fato interessante é que nos países onde há luta contra o comunismo, o cristianismo se desenvolve com vigor. A luta dá mais têmpera para os católicos. Eu pude presenciar isso nos lugares onde passei.

– Quais foram as maiores dificuldades que o senhor encontrou para levar o cristianismo ao Oriente?

– Padre Giacomino: A maior dificuldade foi a língua. É preciso aprender primeiramente a língua local para poder conversar com as pessoas. Quando eu fui para Macau, tive de aprender o cantonês. Isso para conversar com as crianças de lá. O cantonês é um canto com nove tonalidades e 630 raízes. Não é apenas um alfabeto como o nosso não. As palavras mais importantes têm nove tonalidades. Então foi muito difícil. Mas os chineses gostam de ver uma pessoa, mesmo que cometa erros, se esforçar para aprender uma língua difícil como essa.

Tivemos também pequenos problemas com o Vaticano, entre as dificuldades que encontrei na missão. Os chineses fazem certos tipos de altares dentro de casa para lembrar os mortos, com fotos. Assim como a gente coloca fotos nos túmulos de nossos familiares que morreram, eles também o fazem, mas dentro de casa. E eles oferecem alimentos aos mortos. Então o Vaticano tinha a ideia de que isso era culto religioso que eles faziam, mas não era um culto religioso. Depois que a gente estudou bem a língua, compreendemos que era um culto civil. Assim como nós nos lembramos dos falecidos, eles também lembram, só que de outra maneira. Eles oferecem comida aos mortos porque creem que a morte eliminou apenas o corpo, mas que a alma está junto deles. Mas não se trata de um ato religioso.

Em outro caso, lá havia uma espécie de uva grande, parecida com uma jabuticaba. Mesmo tendo essa uva da qual nós poderíamos fazer o vinho lá, nós tivemos durante muito tempo que importar o vinho da Itália. O Vaticano dizia que nós não podíamos fazer o vinho daquela fruta pois se pensava na Europa que se tratava de uma jabuticaba. Mas era uva. Então, quando é início de uma missão, há sempre muita dificuldade por causa desses impactos. Nós tivemos de trocar muitas cartas com o Vaticano até conseguirmos a aprovação para fazer nosso vinho lá.

– Qual o senhor pensa que deve ser a postura da Igreja na evangelização missionária nos dias de hoje? Que conselhos o senhor dá para os missionários?

– Padre Giacomino: Hoje os meios de comunicação levam qualquer informação. Antigamente era mais fácil você entrar como missionário em uma comunidade, pois as comunidades ficavam isoladas. Aprendia-se a língua e começava-se a fazer parte daquele povo.

Então o conselho que eu dou aos missionários de hoje, principalmente aos superiores deles, é o seguinte: mandem pessoas antes do sacerdócio. Porque hoje é possível estudar por Internet, e a missão não compromete os estudos. É verdade que como padre você pode fazer muito. Mas é muito importante também ir enquanto está na fase de estudos, para poder estudar a língua no local, e continuar sua formação de alguma maneira. Hoje é possível cursar até universidade por Internet.

Outro conselho é o seguinte: que o missionário não se esqueça de voltar a cada dois ou três anos para casa, para visitar a família. Não é pecado você cuidar da sua mãe. Se eu cuido dos outros, porque não vou cuidar da minha própria mãe?

Testemunho do Pe. Narciso Ferreira

Do padre Giacomino lembro de sua passagem por Lorena quando eu era estudante de filosofia entre 1958 e 1960. Os salesianos que passavam pelas casas de formação contavam sua vida e atividades missionárias para a animação vocacional de todos. E ele contava.

Era missionário na China. Os missionários foram expulsos da China e acompanhado do padre André Majcen, foi para o Vietnã no dia 3 de outubro de 1952. Chegaram a Hanói para assumir a direção de um orfanato, a Cidade dos Meninos, vítimas da guerra. De 1953 a 1955, então, seu destino é Hanói no Vietnã como diretor no Orfanato Santa Teresinha, com escola de educação infantil e escolas profissionais, aí permanecendo até 1955 quando são expulsos.

Antes que pudessem aprender a língua, em 1954, o Vietnam foi dividido e os dois missionários tiveram que levar os meninos para as matas na região sul. Depois de muitas dificuldades puderam se estabelecer perto de Saigon, no sul do país; e começaram as obras salesianas tradicionais de atenção às crianças e aos jovens necessitados: orfanato, escolas profissionais, seminários, colégios. Os salesianos viveram anos duros em situações de penúria e de fome. A nossa história era vivida num país devastado pela guerra. Evangelizavam em parques públicos e nos campos de arroz. Só, muito mais tarde adquiriram a confiança das autoridades e benfeitores para desenvolverem a obra salesiana naquelas regiões.

Padre Antonio Giacomino Filho era licenciado em Filosofia, tinha habilitação para o ensino do francês, latim, inglês, matemática e eletrônica. Falava o espanhol, o italiano, o chinês-mandarino, inglês e português. Na Rádio Cultura da cidade de Lorena, depois de contar parte de sua história de missionário, rezou a Ave Maria em chinês-mandarino.

De 1985 a 1986 convivi com o padre Giacomino trabalhando no Educandário Dom Duarte, em São Paulo, que os salesianos assumiram em 1982. Grande obra social da Liga das Senhoras Católicas de São Paulo, que acolhia 576 internos da Fundação do Bem Estar Social de Menores do Governo do Estado de São Paulo e particulares também. Nesta obra com campos e piscina, quadras e escola, oficinas de mecânica, marcenaria, tipografia, tínhamos também duas capelanias. O padre Giacomino era apreciadíssimo confessor dos alunos, de duas comunidades religiosas e professor de iniciação à informática.

Pe. Narciso Ferreira

Depoimento do Padre Edson

O primeiro contato que tive com o Padre Giacomino foi quando eu estava no aspirantado em Pindamonhangaba, ele era nosso professor de inglês. Usava uma "vitrola" e a ferramenta didática que sustentava nossas aulas eram os "compactos de vinil", com as lições de inglês, tocados por ela. Não morava no aspirantado, mas sua presença nos era sempre muito simpática. Tinha uma postura marcada sempre por uma serena alegria e muito nos enriqueciam as suas histórias e experiências como missionário na China e no Vietnã. Embora da mesma inspetoria, nunca moramos na mesma comunidade. Ele pareceu-me sempre muito convicto de sua vida religiosa salesiana, revelando um devotado amor à Eucaristia, sendo um zeloso ministro do sacramento da reconciliação e profundo devoto da Virgem Auxiliadora. A vida missionária, experiência que marcou as primícias do seu sacerdócio, revelam o quanto desejou e se esforçou para estar à serviço do Evangelho. Viveu seus dez últimos anos de vida na Comunidade Santa Teresinha (SP), testemunhando alegria pelo dom da vocação salesiana-sacerdotal, manifestando serenidade diante dos sofrimentos e achaques, vivendo intensamente o valor da vida comunitária, reconhecendo, no silêncio e na oração, o primado de Deus "em quem vivemos e somos".

Pe. Edson Donizetti Castilho
Inspetor

Dados para o necrológio

P. Antonio Giacomino Filho nasceu em Rosário, Argentina, em 25 de março de 1914 e faleceu em São Paulo, aos 12 de julho de 2010. P. Giacomino está sepultado no Cemitério do Santíssimo Redentor em São Paulo.